

DAYSE RODRIGUES DOS SANTOS  
NILA LUCIANA VILHENA MADUREIRA  
(Organizadoras)



# Conquistas, reflexões e desafios na formação continuada docente



Pantanal Editora

2020

DAYSE RODRIGUES DOS SANTOS  
NILA LUCIANA VILHENA MADUREIRA  
(Organizadoras)

# Conquistas, reflexões e desafios na formação continuada docente



Pantanal Editora

2020

Copyright<sup>©</sup> Pantanal Editora  
Copyright do Texto<sup>©</sup> 2020 Os Autores  
Copyright da Edição<sup>©</sup> 2020 Pantanal Editora  
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora  
Edição de Arte: A editora  
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – (URCA)
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez – ITSON (México)
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Ma. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Bel. Ana Carolina de Deus

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C753 Conquistas, reflexões e desafios na formação continuada docente [recurso eletrônico] / Organizadoras Dayse Rodrigues dos Santos, Nila Luciana Vilhena Madureira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020.  
141 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-991208-1-7

DOI <https://doi.org/10.46420/9786599120817>

1. Educação. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Santos, Dayse Rodrigues dos. II. Madureira, Nila Luciana Vilhena.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O *e-book Conquistas, Reflexões e Desafios na Formação Continuada Docente* nasceu do anseio das professoras Dayse Rodrigues dos Santos e Nila Luciana Vilhena Madureira em divulgar seus estudos e ao mesmo tempo manter uma interlocução teórica e prática com diversos autores e estudiosos da área de Formação de Professores. Este *e-book* subdivide-se em 10 capítulos dos quais abordam:

O primeiro capítulo *A formação docente nos países da América Latina: reflexões para uma formação na perspectiva descolonial*, de Tatiane Peres Zawaski e Gilberto Ferreira da Silva, aborda a formação de professores, tomando por referência o debate produzido por pesquisadores da América Latina na perspectiva da descolonialidade.

O segundo capítulo sobre *Formação continuada de professores e desenvolvimento humano: perspectivas a partir de um debate teórico*, de Fábio Brazier e Olavo Pereira Soares, apresenta uma reflexão teórica sobre as possibilidades de uma formação continuada que tenha no desenvolvimento humano dos professores seu objetivo principal.

O terceiro capítulo, de Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza, Rayana Silveira Souza Longhin Lourenço Flávia Graziela Moreira Passalacqua, *A receptividade de professores alfabetizadores às iniciativas de formação continuada: entre apropriações, desvios e reempregos* objetiva compreender a maneira como professores alfabetizadores se apropriam e partilham conhecimentos adquiridos nas iniciativas de formação continuada em âmbito local e nacional.

O quarto capítulo *Práticas de oralidade em Língua Inglesa no Ensino Fundamental*, a autora Dayse Rodrigues dos Santos, relê a experiência do estágio supervisionado, do curso superior em Letras - Português/Inglês e respectivas literaturas. No referido trabalho, ela resgata aspectos do processo inicial de formação e como eles refletem ao longo da carreira docente.

O quinto capítulo sobre *Grupo de estudos: uma modalidade de formação continuada de professores no município de Colíder-MT*, de Regina Uemoto Maciel Martins e Maria José Basso Marques pretende analisar as repercussões da formação continuada a partir do “Grupo de Estudos: Introdução à Linguística”, desenvolvido como curso de extensão do “Projeto Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso” – Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – MT).

O sexto capítulo, dos autores Josiane Bertoldo Piovesan, Suzel Lima da Silva, Francisco Nilton Gomes de Oliveira e Daniela Tonús, *que aborda a Educação superior, tecnologias educacionais e a formação continuada*, propõe uma reflexão por meio das pesquisas na área da formação continuada, evidenciando os estudos sobre o processo de formação continuada, os atuais desafios e quais os anseios que a profissão docente abarca no contexto do ensino superior.

O sétimo capítulo fala sobre a relevância da utilização da tecnologia assistiva para o ensino de surdos e a importância da formação continuada de professores para a educação desses sujeitos, na *Formação continuada de professores, quanto da Tecnologia Assistiva na Educação de Surdos*, pelas autoras Queila Pahim da Silva, Núbia Flávia Oliveira Mendes e Sylvana Karla da Silva de L. Santos.

No oitavo capítulo, as autoras Queila Pahim da Silva e Maria Cristina Mesquita da Silva abordam sobre a *Formação Continuada de Professores para a Educação de Surdos: Importância, Avanços e Desafios a partir de uma Revisão Sistemática de Teses e Dissertações*. O Referido trabalho

discute a importância da formação continuada de professores para atuação na Educação Bilíngue de Surdos no Brasil, tendo em vista a percepção da sociedade ouvinte sobre as pessoas Surdas.

No nono capítulo, *O Processo Reflexivo da Prática Docente: Um Olhar Sob a Luz da Reflexão*, as autoras Andréia Mores, Mariane Fruet de Mello, Maria Nelma Marques da Rocha e Paula Bergozza investigam e evidenciam acerca da importância da reflexão na prática docente, assim podendo desenvolver novas metodologias de ensino ou (re) adequá-las a partir de suas experiências e reflexões.

No décimo capítulo a autora Nila Luciana Vilhena Madureira analisa *A Formação Continuada na Perspectiva dos Ciclos de Vidas dos Professores: o Programa ALFAMAT coordenado pela SEMEC/Belém* que objetivou investigar a relação do Ciclos de Vida de Professores e a percepção dos docentes sobre a prática pedagógica.

Pretendemos, a partir dessa obra, contribuir com as pesquisas que abordem a docência nas mais diversas dimensões, como por exemplo, o trabalho dos professores, a prática pedagógica e a formação inicial e continuada dos mesmos, de modo que os resultados das pesquisas aqui evidenciados possam servir como reflexão e intervenção sobre a atuação de professores no Brasil.

As organizadoras

## SUMÁRIO

Apresentação .....	4
<b>CAPÍTULO I</b>	
A formação docente nos países da América Latina: reflexões para uma formação na perspectiva descolonial.....	7
<b>CAPÍTULO II</b>	
Formação continuada de professores e desenvolvimento humano: perspectivas a partir de um debate teórico.....	21
<b>CAPÍTULO III</b>	
A receptividade de professores alfabetizadores às iniciativas de formação continuada: entre apropriações, desvios e reempregos .....	39
<b>CAPÍTULO IV</b>	
Práticas de oralidade em Língua Inglesa no Ensino Fundamental .....	49
<b>CAPÍTULO V</b>	
Grupo de estudos: uma modalidade de formação continuada de professores no município de Colíder-MT .....	59
<b>CAPÍTULO VI</b>	
Educação superior, tecnologias educacionais e a formação continuada .....	69
<b>CAPÍTULO VII</b>	
Formação continuada de professores e Tecnologia Assistiva na Educação de Surdos .....	84
<b>CAPÍTULO VIII</b>	
Formação Continuada de Professores para a Educação de Surdos: Importância, Avanços e Desafios a partir de uma Revisão Sistemática de Teses e Dissertações .....	100
<b>CAPÍTULO IX</b>	
O Processo Reflexivo da Prática Docente: um Olhar à Luz da Reflexão .....	114
<b>CAPÍTULO X</b>	
Formação Continuada na Perspectiva dos Ciclos de Vidas dos Professores: o Programa ALFAMAT coordenado pela SEMEC/Belém.....	127
Índice Remissivo .....	140

---

## Formação continuada de professores e desenvolvimento humano: perspectivas a partir de um debate teórico

Recebido em: 11/04/2020

Aceito em: 04/05/2020

 10.46420/9786599120817cap2

Fábio Brazier<sup>1\*</sup> 

Olavo Pereira Soares<sup>2</sup> 

### INTRODUÇÃO

Atualmente, a formação continuada de professores é uma realidade e está presente nas escolas, seja por ações das políticas públicas, pelas imposições das mudanças curriculares ou mesmo em função de movimentos isolados de determinados gestores. Como em todo processo de educação escolar, há tentativas de criação de discursos hegemônicos sobre as práticas, mas que nem sempre se traduzem em hegemonia.

Na formação continuada, ciclicamente temos as propostas de uma formação voltada sobremaneira para as questões técnicas do cotidiano escolar, às vezes de cunho essencialmente burocrático. Há também, processos formativos nas horas de trabalho coletivo dos professores, em que se tentam solucionar os problemas práticos da escola. Considerando a dimensão continental do Brasil, bem como nossa diversidade, verifica-se que há poucos e esparsos exemplos de formação continuada em que os professores estejam no centro da proposta.

Este capítulo tem por objetivo uma reflexão teórica sobre as possibilidades de uma formação continuada que tenha no desenvolvimento humano dos professores seu objetivo principal. Para tanto, se vale da perspectiva da teoria histórico-cultural, seja por seus pesquisadores fundantes ou contemporâneos. Ao cabo, pretendemos lançar propostas de uso de categorias que subsidiem futuras propostas de formação continuada.

---

<sup>1</sup> Coordenação Geral de Ensino, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Machado (IFSULDEMINAS), Rodovia Machado Paraguaçu, Km 03, Bairro Santo Antônio, CEP: 37750-000, Machado, Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, CEP: 37130-000 - Alfenas, Minas Gerais, Brasil.

\*Autor(a) de correspondência: [fbrazier@hotmail.com](mailto:fbrazier@hotmail.com)

## MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de estudos teóricos fundamentados na matriz histórico-cultural do desenvolvimento humano, sobretudo os estudos de Lev Vigotski<sup>3</sup>, para isso foram elencadas categorias analíticas fundamentadas na referida abordagem teórica que são ao longo do texto cotejadas com os processos de formação continuada de professores.

## A DOCÊNCIA: TRABALHO E CULTURA

Diferentemente dos outros animais que de forma natural buscam a adaptação ao meio que estão inseridos, o homem, busca adaptar o meio as suas necessidades através do trabalho. Desse modo, a partir da criação e transformação da natureza em virtude das necessidades que se impõe ao indivíduo, ocorre um processo sócio histórico, que segundo Oliveira (2010), configura-se como processo de tornar-se humano. Nesse processo o homem foi criando instrumentos e servindo-se deles a fim de atingir os objetivos desejados. Dessa forma, a cada novo instrumento criado, novos foram sendo necessários em virtude de novas funções que a realidade impõe.

Marx e Engels (2007) afirmam que se pode diferenciar o ser humano dos animais por vários fatores como a consciência ou até mesmo a religião, mas o ser humano de fato se diferencia dos outros animais, no momento em que inicia a produção de seus meios de vida. Dessa maneira, o ser humano está produzindo “indiretamente sua própria vida material” (Marx; Engels, 2007).

Para Marx (2004)

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o ser humano e a natureza, um processo em que o ser humano, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural, como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza (Marx, 2004).

Em Engels (2004) temos que o trabalho configura-se como elemento fundante do ser humano, uma vez que determina as relações do ser humano com a natureza e com os outros homens, condição básica e fundamental de toda a vida humana, nas palavras do autor:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer materiais que ele converte em

---

<sup>3</sup> Considerando a existência de diferentes formas de escrita do nome do estudioso russo Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) - Vygotsky, Vigotsky, Vygotski, Vigotskii, Vigotski, entre outras -, a forma usual adotada neste trabalho será Vigotski, exceto as referências, as quais serão escritas conforme a grafia do texto original.

riqueza. O trabalho, porém é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio ser humano (Engels, 2004).

Entendemos que através do trabalho é possível compreender a formação do ser social, uma vez que o modo pelo qual o ser humano produz a sua existência, num certo período, condiciona as suas consecutivas alterações de ordem fisiológica e social, confirmando assim, a prioridade da atividade vital do trabalho no processo de humanização.

Segundo Leontiev, “o aparecimento e o desenvolvimento do trabalho, condição primeira e fundamental da existência do ser humano, acarretaram a transformação e a humanização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos do sentido” (Leontiev; 1978). O homem é compreendido como ser social, constrói o humano a partir de sua vida em sociedade e que tem como base de sua hominização o trabalho, diferindo dos animais por ter seu desenvolvimento regido, não por leis biológicas, mas por leis sócio históricas.

De acordo com as reflexões de Marx:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao ser humano. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção de favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste, existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente (Marx, 1983).

Através da ação intencional do homem pelo trabalho, o indivíduo vai se apropriando dos elementos da cultura, exercitando a atenção, a percepção, se apropriando de linguagens, desenvolvendo a imaginação, o controle próprio e a própria personalidade. Desse modo, através da ação do trabalho do ser humano com relação à natureza, inicia-se a produção da cultura, diferenciando o indivíduo dos outros animais.

É nesse processo de trabalho, que homem, torna-se capaz de produzir não apenas objetos materiais, mas a si mesmo e a outros, através da produção de conhecimento. Nesse sentido, o homem se constitui como ponto de partida e de chegada, em uma relação dialética com a realidade circundante (Vigotski, 2001). Na constituição desse processo ativo de produção e intervenção na realidade é que ocorre o processo de humanização, da formação do ser humano enquanto ser social.

No caso dos professores, o significado de seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. Desse modo, a fim de compreender o significado do trabalho docente, é preciso destacar a ação

mediadora realizada pelos indivíduos no processo de apropriação dos resultados da prática docente.

Sob essa perspectiva, retomamos os preceitos postulados por Vigotski, que defendia uma abordagem pautada na transformação dos sujeitos, sobretudo, na superação da lógica de que o indivíduo deve ser passivo do processo de aprendizagem. De outro modo, é a concepção do aluno como ser constituído de subjetividades, por meio de uma organização psíquica complexa, que não deve ser minimizada a fatores básicos, o que exige do professor e conseqüentemente do processo de formação continuada, possibilidades de uma atuação diferenciada.

É nessa perspectiva que a teoria histórico-cultural nos permite compreender as propostas pedagógicas de formação continuada de professores, objeto de nosso estudo, uma vez que se configuram como o próprio trabalho do professor. Atualmente, verificamos que as políticas de formação continuada dos professores, em especial da rede pública, estão pautadas em um paradigma “organismo-meio”, ou seja, sob uma lógica em que o essencial é que o professor se adapte ao meio.

É comum identificarmos capacitações ou formações em que a tônica dos discursos se baseia em subsidiar os professores ao como fazer, uma vez que o meio não deve ser alterado. São formações que não incentivam os professores a tomarem consciência de sua ação e do potencial de seu trabalho. Sob esse viés as formações continuadas se caracterizam essencialmente pela adaptação e pelos aspectos desumanizadores, ou seja, é a técnica pela técnica, o treino pelo treino.

Em nossa concepção, não é qualquer projeto de formação continuada e ou projeto pedagógico da instituição que se torna capaz de criar as condições favoráveis para que essa transformação aconteça. É preciso, segundo Vigotski (2001), um ensino e conseqüente, uma formação docente que incida no avanço das capacidades dos sujeitos, de forma a potencializá-los a funções mais elaboradas.

Uma formação pautada na perspectiva da teoria histórico-cultural deve ser desenvolvida colocando o professor como agente do processo, sujeito transformador em seu contexto social, transformando o contexto e a si próprio ao mesmo tempo.

Para Vigotski (2001), o ensino que promove o desenvolvimento necessita da participação ativa dos envolvidos, sobretudo do “parceiro mais experiente”, nesse caso o professor. Sob essa perspectiva o desenvolvimento acontece a partir das trocas estabelecidas entre os parceiros, e entre o meio no qual estão inseridos.

Sendo assim, cada sujeito, em sua trajetória de vida, está em contato com diferentes elementos e contextos socioculturais, com destaque para a educação escolar. Nesse sentido, reafirmamos o papel da educação como importante recurso de mediação de mecanismos institucionais para o desenvolvimento. Porém há que se compreender o meio como uma fonte rica e diversificada para esse fim, bem como os professores, mediadores que permitam a apropriação da cultura.

Assumimos uma concepção teórica que vê o ser humano como ser ativo e ao mesmo tempo produto da própria história. O homem é o resultado de um processo de hominização, a partir dos aparatos biológicos, e humanização desenvolvida a partir dos aparatos sociais em seu processo histórico. O homem enquanto ser, não possui a priori características e estruturas psíquicas constituídas, porém o desenvolvimento do psiquismo humano ocorre na medida em que o homem se apropria das objetivações genéricas nas esferas cotidianas e não cotidianas de sua vida, tendo sempre em vista que tanto a esfera do *para si* quanto do *em si* são constituídas a partir de sua singularidade que se constitui no processo histórico da humanidade.

O ser humano, no processo de criar e desenvolver a cultura forma sua esfera motriz, conjunto de gestos adequados ao uso dos objetos e instrumentos, e a partir dessa esfera motriz desenvolve as funções intelectuais envolvidas nesse processo. Dessa forma, a humanidade é criada no momento em que se cria a cultura humana, os hábitos e costumes, a linguagem, os valores, entre outros elementos. O homem, nesse movimento, transforma o meio circundante e transforma a si próprio. Apropriando-se dos elementos da cultura humana e objetivando-se em novos produtos culturais através de sua atividade, o ser humano desenvolve as formas superiores de conduta, que se constituem essencialmente em uma via dupla de desenvolvimento,

que jamais se fundem em si ainda que estejam indissolvelmente unidas. Trata-se, em primeiro lugar, de processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho; e, segundo, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, [...] que na psicologia tradicional se denominam atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos (Vigotski, 2000).

Neste preciso sentido, o homem é um ser “qualitativamente diferente dos animais” (Leontiev, 1978). Assim, nossa concepção se fundamenta sob a ideia de que a escola tem como principal função a promoção da humanização dos alunos através de suas potencialidades. Acreditamos que o professor, como o parceiro mais experiente do processo, assume papel essencial como mediador, agindo sob as funções ainda em processo, estimulando e favorecendo o desenvolvimento. Dessa forma, compreendemos o processo

de formação continuada como elemento central nessa relação, sobretudo se a formação é desenvolvida sob as bases de uma teoria que fundamenta a prática pedagógica.

Ao falarmos em organização do processo pedagógico, seja essa organização dada pela escola de uma maneira geral ou para os processos de formação continuada, à luz da teoria histórico-cultural, torna-se fundamental que explicitemos o entendimento que temos do processo educativo: sua função, sua finalidade e o papel social da escola e do professor.

Partimos do entendimento de que a educação e a escola, mais precisamente, devem ter como finalidade a humanização de homens e mulheres, tendo em vista os processos que por ela devem ser incitados, sobretudo no trabalho com um conhecimento científico, nesse sentido defendemos a premissa de que cabe ao professor, contribuir para esse processo educativo.

Corroborando com essa ideia, Saviani afirma que “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2003). Essa concepção considera o problema da seleção dos conteúdos humano-genéricos necessários à formação e ao desenvolvimento do educando inserido em um contexto social, bem como a problemática das formas, métodos que facilitarão o processo de aprendizagem.

O trabalho educativo, desenvolvido pelo professor, sob essa perspectiva se torna uma atividade mediadora entre o indivíduo e a cultura humana. A partir da perspectiva do papel do trabalho educativo, é necessário compreender as características da formação do educador que objetiva o estabelecimento de uma relação consciente com o significado de sua atividade, isto é, com o compromisso histórico que a tarefa de preparar as novas gerações demanda tanto à formação do educando como indivíduo singular quanto coletivo.

É nesse contexto que pensamos a formação continuada, pois ao afirmarmos que o ser humano se torna homem a partir das apropriações, podemos afirmar que o professor precisa se apropriar de vários conhecimentos, e, além disso, sistematizá-los e ter consciência deles a fim de que possa desenvolver o trabalho pedagógico.

De acordo com os princípios da teoria histórico-cultural, a formação docente deve estar fundamentada em bases teóricas sólidas apoiadas na reflexão e no conhecimento científico, essa fundamentação é condição *sine qua non* para a efetiva compreensão do homem como síntese de múltiplas determinações, assim como das vinculações do trabalho educativo no contexto da prática social e as possibilidades de desenvolvimento humano.

## FORMAÇÃO CONTINUADA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Das muitas possibilidades de abordagem da temática, consideramos prioritariamente a atividade do docente e a mediação que o professor realiza entre a realidade escolar, o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano.

Essa abordagem nos permite compreender os processos educacionais como fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos neles envolvidos. Compreendemos que o elemento cultural não é unicamente determinante dos processos de aprendizagem, uma vez que não há impeditivos para que o sujeito interaja ativamente sobre a realidade vivenciada, nesse sentido Oliveira (2010), diz que

ao postular a cultura como constitutiva do psiquismo, por outro lado, essa abordagem não a toma como uma força que se impõe a um sujeito passivo, moldando-o com padrões preestabelecidos. Ao contrário, a ação individual, com base na singularidade dos processos de desenvolvimento de cada sujeito consiste em constante recriação da cultura e negociação interpessoal. Se assim não fosse, teríamos cultura sem história e geração de sujeitos idênticos em cada grupo cultural (Oliveira, 2010).

A teoria histórico-cultural nos oferece bases para uma teoria pedagógica na medida apresenta conceitos essenciais à compreensão do desenvolvimento do sujeito e oferece subsídios para o trabalho docente em uma perspectiva em que coloca o professor como elemento capaz de interferir no desenvolvimento humano através dos processos didáticos. Dessa forma, compreender o processo educativo como de desenvolvimento humano requer que se apregoe um sentido de educação como processo desenvolvente.

No que se refere ao processo de formação continuada, enquanto momento em que os professores podem desenvolver conhecimentos, os postulados vigotskianos oferecem elementos essenciais para a compreensão das múltiplas questões que devem ser pensadas ao longo do percurso formativo. Sobretudo, colocando o professor na condição de agente transformador de seu próprio processo de formação.

Em outras palavras, compreendemos que o modo como o professor participa do processo de formação, incorporando conhecimentos, bem como sentidos e significados sobre a educação em seu modo de atuação, constitui-se fator essencial para a concepção da pluralidade dos processos educacionais, principalmente no que diz respeito às questões sobre os alunos e o processo de aprendizagem.

Ao se apropriar do processo de formação e transgredir com esquemas de aprendizagem pré-definidos, os professores compreendem

a imensa multiplicidade de conquistas psicológicas que ocorrem ao longo da vida de cada indivíduo gera uma complexa configuração de processos de desenvolvimento que será absolutamente singular para cada sujeito. [...] em cada situação de interação com o mundo externo, o indivíduo encontra-se em um determinado momento de sua trajetória particular, trazendo consigo certas

possibilidades de interpretação e re-significação do material que obtém dessa fonte externa (Oliveira, 1997).

Sob esse aspecto, compreendemos que os percursos formativos, sobretudo àqueles vinculados à formação continuada, podem apresentar aos professores oportunidades de intervenção na realidade vivenciada nos espaços educativos.

Em meio ao processo de formação continuada, o professor pode estabelecer a interação, analisar a prática, fazer uso de habilidades cognitivas, utilizar o pensamento verbal e desenvolver maneiras elaboradas para compreender a realidade cotidiana. Essa concepção teórica favorece o planejamento pedagógico e o trabalho docente, a fim de que adquiram de fato um caráter intencional para o desenvolvimento do aluno. Para Vigotski (2010) existe uma inter-relação entre aprendizado e desenvolvimento, de modo que o ensino escolar pode estimular o desenvolvimento.

Partindo do pressuposto teórico de que o ser humano é um ser de natureza social, a teoria histórico-cultural, nos permite compreender que a partir das qualidades humanas, capacidades, aptidões que surge o fenômeno da inteligência. Segundo os estudos de Vigotski ao nascer, a criança entra em contato com um mundo que já está totalmente configurado por instrumentos, objetos, hábitos, costumes, linguagens, em síntese, o mundo já está repleto de saberes que foram acumulados ao longo do tempo, e dessa forma inicia-se um processo de apropriação de cada um desses saberes e esse processo tem continuidade ao longo da vida.

Os pressupostos teóricos defendidos por Vigotski superam a lógica naturalizante que concebia o homem apenas como um ser biológico, e regido consequentemente por leis naturais. Para a compreensão histórico-cultural o homem é formado inicialmente pelos aparatos biológicos, mas esses não são determinantes ao seu desenvolvimento.

Em suas pesquisas, Vigotski rompe com os limites biologizantes acerca do desenvolvimento cognitivo, propondo concepção que avança no sentido de compreender ação do homem sob a natureza. Contudo há que se ressaltar que não há uma vida histórico-social do homem sem a sua abordagem biológica, ou seja, sem considerar o homem em seu aspecto biológico. As concepções de Vigotski permitem compreender o desenvolvimento humano justamente por partir do aspecto biológico e avançar sobre o social.

o desenvolvimento não se produz pela via de mudanças graduais, lentas, por uma acumulação de pequenas peculiaridades que produzem em seu conjunto e ao final alguma modificação importante. Já desde o princípio o desenvolvimento observado é de tipo revolucionário. Dito de outro modo, observamos a existência de mudanças bruscas e essenciais no próprio tipo de desenvolvimento, nas próprias forças motrizes do processo. E é bem sabido que a coexistência de mudanças revolucionárias com as evolutivas não é indício que exclua a possibilidade de aplicar a esse processo o conceito de desenvolvimento (Vigotski, 1991).

A partir desse momento, há uma extrema diferença entre os pressupostos históricos culturais defendidos por Vigotski, e os naturalizantes vigentes até então, pois o ponto diferenciador entre os elementos apresentados dizem respeito, sobretudo a atividade humana, que segundo a concepção histórico-social não é mais dirigida pelas leis genéticas, mas pelas leis histórico-sociais criadas pelo próprio homem ao longo de sua história.

Com a teoria histórico-cultural podemos pensar no processo educacional como um de desenvolvimento humano, sobretudo quando se supera a lógica naturalizante preconizada pelas teorias naturalistas, pois na perspectiva histórico-cultural a aprendizagem deixa de ser produto do desenvolvimento e passa a ser o elemento propulsor, ou seja, a aprendizagem deflagra e conduz o desenvolvimento.

Para Leontiev (1978), o desenvolvimento humano, é nesse sentido compreendido também como um desenvolvimento psíquico acontece na medida em que ocorre a apropriação da cultura, dessa forma, os indivíduos assumem um papel essencialmente ativo no processo, pois ao se apropriarem tomam para si elementos humanos criados anteriormente a partir destes podem reelabora-los e desenvolver novos traços. Dessa forma,

[...] cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo (Leontiev, 1978).

Os conhecimentos, que são construídos histórica e socialmente, permanecem nos objetos da cultura, representados na ética, nos costumes, na ciência e nos próprios objetos. Dessa forma, é possível afirmar que as condições sociais, e sobretudo, os materiais favorecem a constituição do indivíduo.

Para Leontiev (1978), as relações que são estabelecidas com os outros configuram significativos espaços favoráveis para o desenvolvimento, de forma que

as suas relações com o mundo têm sempre por intermediário a relação do homem aos outros seres humanos; a sua atividade está sempre inserida na comunicação. A comunicação, quer esta se efetue sob a sua forma exterior, inicial, de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou mesmo apenas mental, é a condição necessária e específica do desenvolvimento do homem na sociedade (Leontiev, 1978).

Podemos afirmar que as relações do indivíduo com o outro e com a cultura são as primeiras condições para o desenvolvimento humano, uma vez que ao se apropriar dos objetos apropria-se também das formas de uso que são feitas sobre ele.

## A VIVÊNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Sob o olhar histórico-cultural, pensar na formação continuada dos professores implica em compreender também as categorias fundamentais para a constituição do desenvolvimento humano: o meio, a vivência.

De acordo com a teoria histórico-cultural, o meio, compreendido como a cultura, a sociedade, e as práticas e interações é um elemento significativo na constituição do processo de desenvolvimento humano, considerado como fonte inesgotável de conhecimentos, mas ao contrário das perspectivas naturalizantes, o meio não tem como papel central determinar o desenvolvimento do homem, tal qual o meio natural ou ambiental faz com os demais seres vivos, mas, sobretudo, criar o seu desenvolvimento.

o meio (e a natureza transformada pelo trabalho humano) não é simplesmente uma condição externa, mas sim a verdadeira fonte do desenvolvimento da criança, já que no meio estão contidos todos os valores materiais nos quais estão encarnados [...] as capacidades do gênero humano e que o indivíduo deve dominar no processo de seu desenvolvimento (Zaporozhets, 1986).

Através das experiências produzidas e acumuladas, o meio permite que o homem se aproprie de novas formas de comportamento e de novas formas de relação com o mundo e consigo mesmo; permite que cada ser construa suas características e aptidões humanas historicamente produzidas. Deste modo estaremos impedindo o processo de desenvolvimento se não permitirmos que cada ser, em sua singularidade, possa desenvolver ao máximo as suas potencialidades, ou seja, permitir que se aproprie e desenvolva em si aquilo que já foi produzido pela humanidade.

Nas palavras de Vigotski,

para compreender corretamente o papel do meio no desenvolvimento é sempre necessário abordá-lo não a partir de parâmetros absolutos, mas sim a partir de parâmetros relativos. Além disso, deve-se considerar o meio não como uma circunstância de desenvolvimento [...] mas abordá-lo a partir da perspectiva de qual relação existe entre o indivíduo e o meio em uma dada etapa do desenvolvimento (Vigotski, 2010).

Podemos pensar no potencial que o meio exerce nos processos de educação ao pensarmos nos seres humanos no momento do nascimento, ou seja, ao nascer uma determinada criança pode ter suas características genéticas relacionadas à audição que lhe permita ouvir mais e melhor os sons, contudo, essas características, em si mesmas, não são capazes de determinar nem sequer apontar as capacidades musicais que essa criança poderá vir a desenvolver.

Em outras palavras, as características biológicas não desenvolvem espontaneamente as características humanas. Assim, por exemplo, ainda que o indivíduo apresente

extraordinárias bases biológicas relacionadas à audição, essas bases só podem tornar-se “capacidade musical” na medida em que a criança se aproprie das produções humanas relacionadas à música.

Vigotski nos apresenta o potencial do trabalho educativo intencionalizado, pois “[...] o meio se modifica por força da educação [...] para que se desenvolva é preciso que haja no meio essa forma ideal que, interagindo [...] conduz rumo ao desenvolvimento [...]” (Vigotski, 2006).

Contudo, para Vigotski (2010), o que determina o papel do meio e sua influência nos processos de desenvolvimento são as vivências que são oportunizadas.

A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá no indivíduo. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente [...], mas, sim, o elemento interpretado pela vivência que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro (Vigotski, 2010).

Desse modo compreendemos a vivência como categoria que compreende a relação do indivíduo com o meio, a vivência não é o meio, uma vez que o meio pode permanecer inalterado, mas a relação indivíduo meio é que determina a vivência de cada ser, em outras palavras seria possível compreender a vivência como experiência que envolve.

Nas palavras de Vigotski (2010),

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga aquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços do seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (Vigotski, 2010).

Sendo assim, é função dos processos formativos de professores oferecer subsídios para que atuem de modo a propor vivências e promover o encontro do aluno com a cultura, criando e recriando oportunidades de conhecimento. Nessa perspectiva, as vivências oportunizadas na escola, quer sejam nos processos de formação, quer sejam na prática docente devem ser repletas de conhecimentos sociais e sobretudo, científicos.

Nesse caso pensamos no meio escolar como espaço de formação docente por acreditar que em virtude do desenvolvimento humano atingido, a formação do homem singular não se limita ao seu meio de vida unicamente, é necessário propiciar um processo de alargamento de horizontes, compreendendo as relações existentes entre o trabalho e convivência social.

o meio consiste numa fonte de desenvolvimento dessas propriedades e qualidades humanas específicas e, sobretudo, no sentido de que é justamente no meio que existem, desenvolvidas ao longo da história, tanto essas propriedades como as qualidades humanas, que são inerentes aos homens por força de sua composição orgânica hereditária (Vigotski, 2010).

A realidade educacional tornou-se mais complexa, sendo a vida cotidiana não mais suficiente para a formação do indivíduo, justificando assim a finalidade de espaços formativos contínuos no próprio espaço escolar, de modo a compreender que todo fazer humano tem um motivo e um fim. Assim, as atividades educativas escolares, incluindo as formações de professores devem propiciar meio de desenvolvimento cultural, possibilitando novas vivências para os professores, para além daquelas vinculadas ao senso comum.

### **A AÇÃO MEDIADORA DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA DOCENTE**

Consideramos significativa a premissa de Vigotski de que “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (Vigotski, 2006) e que é tarefa da escola, na figura do professor, mediar a apropriação cultural necessária para o desenvolvimento dos alunos. No entanto, esse processo deve assumir um caráter de colaboração, o que nos permite compreender que o bom ensino deve ter caráter colaborativo. Neste sentido, compreendemos que a mediação ocupa lugar central entre os elementos histórico-culturais ao favorecer a compreensão de que as funções psicológicas superiores são processos mediados culturalmente.

Segundo Luria (1981), “à medida que os processos superiores tomam forma, a estrutura total do comportamento se modifica”. Isso favorece pensar que o professor tem a função principal de mediar todo este desenvolvimento, sendo importante compreender que o aluno não é um ser passivo, mas em desenvolvimento.

Além disso, para a teoria histórico-cultural, o conhecimento se processa através das trocas entre as pessoas, em especial, entre professores e alunos. Isto é, a mediação é um fator fundamental para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.

Toda educação deve, de fato, implicar a ação humana consciente e objetivada. Para Vigotski, o bom ensino é aquele que leva o indivíduo a superar-se, dessa forma, a fim de atender tais demandas, a educação, deve trabalhar tendo em vista as funções psicológicas superiores, que já estão constituídas e aquelas que poderão vir a ser.

Pensar na educação na perspectiva da mediação implica que façamos um diferencial entre o que a teoria histórico-cultural preconiza como mediação e aquilo que se tornou modismo nos meios educacionais, pois de uma forma reducionista o conceito mediação tem

sido utilizado para designar um processo de ajuda que o professor oferece ao aluno, ou seja, uma relação interpessoal entre docente e discente.

Segundo Sforzi (2000) o termo mediação no contexto escolar tornou-se um “discurso fetichizado” por apresentar um discurso polissêmico e ao mesmo tempo vazio de um significado real para a educação. Contudo, essa não é a perspectiva por nós defendida a partir dos pressupostos teóricos de Vigotski, pois compreendemos a mediação, através dos processos que evidenciam os conteúdos escolares como mediadores culturais.

Dessa forma, a atenção volta-se não apenas para a relação professor-aluno, mas, sobretudo, para a relação entre professor-conhecimento-aluno. O que devemos valorizar nas ações escolares não é o conhecimento espontâneo, cotidiano, assistemático, fragmentário, desarticulado. Ao contrário, compreendemos que é a partir da sistematização e intencionalidade que os processos de desenvolvimento cognitivo ocorrem. Assim, a função do professor é colocar-se como sujeito em relação aos demais, para que os alunos possam desenvolver suas funções psíquicas superiores. Dessa forma, a relação entre professor e aluno torna-se, mediadora do processo educativo, compreendido como processo de apropriação cultural.

A mediação do professor pode ser promotora de desenvolvimento dos estudantes quando os conceitos científicos compreendidos como, mediadores culturais, estão presentes nessa interação. E para isso é essencial que o professor esteja instrumentalizado para desenvolver sua ação mediadora. Nesse sentido é que retomamos nossa concepção de uma formação continuada que propicie ao professor, primeiramente, essa apropriação.

Entender o papel do professor no processo mediação supõe a compreensão do conhecimento como mediador da atividade psíquica compartilhada. Segundo Sforzi (2015), o valor da mediação no contexto escolar não está restrito à relação sujeito-sujeito, mas no objeto do conhecimento presente nessa relação. Ou seja, é somente na relação entre sujeito-conhecimento-sujeito que a mediação se torna um conceito fundamental ao desenvolvimento humano.

Para Leontiev (1978) o homem não se relaciona diretamente com o mundo, sua relação é mediada pelo conhecimento objetivado pelas gerações precedentes, pelos instrumentos físicos ou simbólicos que se interpõem entre o homem e os objetos e fenômenos. Dessa forma, a experiência acumulada pela humanidade não está apenas nos livros ou nas escolas; está nos objetos físicos e na linguagem, quer dizer, na cultura material e intelectual presente nos espaços sociais.

Desse modo compreendemos que o desenvolvimento humano se dá através da apropriação pelo indivíduo da cultura produzida e acumulada pelo processo histórico da humanidade. É a possibilidade de uma geração subir nos ombros das outras (Leontiev, 1978), ou seja, primeiro acontece o processo de apropriação e na sequência é possível um processo de superação, essa lógica explica que o conhecimento não é algo estático. O conhecimento permite que o homem avance para outros conhecimentos mais elaborados.

Sendo assim, a função do professor, concebida como trabalho educativo, tomado como atividade mediadora, deve ser compreendido e realizado de forma intencional, regido pela finalidade de garantir a universalização das máximas possibilidades geradas pelo processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, de forma indistinta, a todos os indivíduos. Nas palavras de Vigotski “[...] para explicar as formas mais elevadas do comportamento humano, precisamos revelar os meios pelos quais o homem aprende a organizar e a dirigir seu comportamento” (Vigotski, 2006).

No trabalho pedagógico, a mediação do professor começa na organização do material pedagógico, do conteúdo planejado, da comunicação seja ela prática ou verbal empregada pelo educador, ou seja, de todas as ações voltadas ao processo de aprendizagem. Desse modo, no contexto escolar há uma dupla mediação, uma que se refere à relação entre professor e estudantes, outra vinculada à relação entre os estudantes e o conteúdo escolar.

Sforni (2008) explica essa dupla mediação através da perspectiva do desenvolvimento psíquico, a primeira somente se realiza quando a ação docente envolve a disponibilização dos conteúdos escolares como elementos mediadores da ação dos estudantes, isto é, de modo que eles sejam capazes de realizar conscientemente as ações mentais objetivadas nos conhecimentos historicamente produzidos.

Quando o professor assume seu papel mediador, as práticas de formação continuada assumem uma valorização, ou seja, o professor passa a apropriar-se desse momento como possibilidade de interação entre os pares, bem como um espaço constituído institucionalmente com potencialidade de desenvolver-se. É, pois, um espaço onde o professor estuda sim, porém a forma como ele lida com as informações recebidas é diferente, pois ele deixa a posição passiva e passa a interagir no processo, conduzindo-o, apropriando-se.

Os professores ao construírem significados para sua atuação por meio do processo de formação continuada passam a manifestar através das atitudes e relações com os alunos, diante das condições postas e das peculiaridades de cada indivíduo, reafirmando estigmas ou superando-os. Desse modo é possível compreender a formação continuada sob outra lógica,

a humanizadora, uma vez que supera a atitude da escola em confundir educação com instrução e conseqüentemente com aplicações de técnicas e teorias esvaziadas de sentido.

Como mediador, o professor se concebe participante no processo, a prática docente se ressignifica, e o professor passa a vivenciar outras experiências e tem a possibilidade de trabalhar na perspectiva de oportunizar aos alunos vivências desenvolventes, ou seja, o trabalho do professor passa pela perspectiva de mover a atenção, os sentimentos, o pensamento, a imaginação, a memória, o que promove no aprendiz as percepções sobre o seu entorno.

A forma como o professor vivencia o próprio processo de formação continuada é capaz de desenvolver nesse profissional a capacidade e desenvolver um ensino humanizador, pois compreendemos que a aprendizagem move o próprio desenvolvimento ele será capaz de promover o contato dos alunos com os conhecimentos de modos a fazê-los vivenciá-los.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR NOVOS SISTEMAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA**

Os conhecimentos trabalhados pela escola devem ser as formas acumuladas e sistematizadas das experiências humanas acumuladas em seu processo histórico. Assim, o trabalho da escola deve garantir, a cada sujeito do processo educativo, o seu efetivo acesso aos avanços do conhecimento científico e o trabalho do professor deve assumir essa concepção de mediação a fim de que ofereça as condições necessárias para a apropriação do conhecimento.

Quando o professor desempenha a mediação necessária entre o aluno e o conhecimento, a escola, de forma institucionalizada possibilita essa apropriação. Essa ação mediadora dos homens no processo de apropriação e objetivação é apontada por Leontiev (1978) e Vigotski (1991), ao abordarem o conceito de mediação entre indivíduo e o grupo social, e entre o indivíduo que se forma e o mundo cultural. Neste sentido, a mediação é de suma importância para a compreensão do trabalho que se realiza na escola.

Algumas especificidades são apresentadas na mediação realizada pelo professor junto ao aluno e a cultura, ou seja, a educação formal é qualitativamente diferente por ter como finalidade específica propiciar a apropriação de instrumentos culturais básicos que permitam elaboração de entendimento da realidade social e promoção do desenvolvimento individual. Assim, a atividade pedagógica do professor é um conjunto de ações intencionais, conscientes, dirigidas para um fim específico.

Segundo Duarte (2003) o foco do trabalho desenvolvido na escola pelo professor deve estar pautado naquilo em que os alunos não conseguem compreender na vida social sem a intervenção de outro. Em outras palavras, o professor deve agir de forma mediadora entre a formação do aluno na vida cotidiana com os conhecimentos não cotidianos, dando possibilidade de acesso a objetivações como ciência, arte, moral, entre outros, o que possibilita, ao mesmo tempo, o desenvolvimento pleno das capacidades cognitivas.

Saviani afirma que a existência da escola e o papel do professor se justificam a partir da perspectiva de se pensar "a apropriação e aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber" (Saviani, 1991). Defendemos também que esse papel da escola deve ser aplicado aos processos formativos dos professores, uma vez que a escola deve se configurar como espaço formador (Saviani, 1991).

A prática pedagógica ao possibilitar acesso às apropriações dos conhecimentos não cotidianos favorece o processo de desenvolvimento cognitivo dos professores e alunos. Satisfazendo as necessidades postas pelo desenvolvimento e ao mesmo tempo produzindo novas necessidades de aprendizagem, fazendo com os sujeitos estejam em constante processo de crescimento.

O desenvolvimento humano de alunos e professores está atrelado ao processo de apropriação dos conhecimentos produzidos. Contudo, essa apropriação só ocorre se os sujeitos foram ativos no processo. Desse modo, os processos pedagógicos de ensino e formação de professores devem ser capazes de tornar os participantes do processo sujeitos de sua relação com o conhecimento e com o processo de apropriação desse conhecimento. Nesse sentido, é fundamental considerar a atividade do professor e seus processos de formação.

Defendemos então, a importância que a formação cultural e científica têm para o processo humanização de cada indivíduo. Na escola, essa formação está contida, fundamentalmente, nos conhecimentos a serem ensinados e aprendidos, e isso perpassa o processo de formação continuada de professores em suas relações com o processo educativo.

Devemos pensar em uma formação continuada que possibilite aos professores a elaboração e sistematização dos conhecimentos relacionados à prática docente. Trata-se de uma tarefa que vai para além do "programar uma capacitação". Os conhecimentos a serem aprendidos precisam elaborados.

Compreendemos como Saviani (1995) que essa formação assume um caráter desafiador, ao serem fundamentadas em bases teóricas sólidas, apoiadas na reflexão filosófica

e no conhecimento científico como condição para a efetiva compreensão do homem como síntese de múltiplas determinações, assim como das vinculações da atividade de ensino no contexto da prática social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Duarte N (2003). *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais pós-modernas da teoria Vigotskiana. Editora: Autores Associados, Campinas. 353p.
- Engels F (2004). Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: Antunes, Ricardo (org.) *A dialética do trabalho*. Editora: Expressão Popular, São Paulo. p. 13-34.
- Leontiev A (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Editora: Horizonte, Lisboa. 353p.
- Luria AR (1981). *Fundamentos de Neuropsicologia*. Editora: Livros técnicos e científicos, São Paulo. 346p.
- Marx K (1983). Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. In: Fernandes, F. (org.). *Marx, K., Engels, F.: História*. 2ª ed. Editora: Ática, São Paulo. 174p.
- Marx K (2004). Processo de trabalho e processo de valorização. In: Antunes R (org.) *A dialética do trabalho*. Editora: Expressão Popular, São Paulo. p.34-58.
- Marx K, Engels F (2007). *A Ideologia Alemã*. Editora: Boitempo Editorial, São Paulo. 616p.
- Oliveira MK (1997). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico*. Editora: Scipione, São Paulo. 108p.
- Oliveira MK (2010). *Psicologia, Educação e as Temáticas da vida contemporânea*. Editora: Moderna, São Paulo. 142p.
- Saviani D (1991). *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 10. ed. Editora: Cortez, São Paulo. 185p.
- Saviani D (1995). *Escola e Democracia*. 39. ed. Editora: Autores Associados, Campinas. 93p.
- Saviani D (2003). *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações*. Editora: Autores Associados, Campinas. 137p.
- Sforni MSF (2000). Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade. In: *Reunião Anual da ANPEd, 26, 2003, Poços de Caldas. Anais...* Editora: ANPEd, Poços de Caldas. p.71-86.
- Sforni MSF (2008). Escolarização, Didática e Inserção Social: algumas reflexões. In: Sommer LH, Quartiero EM (Org.). *Pesquisa, Educação e Inserção Social: olhares da região sul*. Editora: Ulbra, Canoas. p. 381-390.

- Sforni MSF (2015). Perspectivas de Formação, Definição de Objetivos, Conteúdos e Metodologia de Ensino: aportes da abordagem histórico-cultural. In: Paraná, Secretaria de Estado da Educação. *Organização do Trabalho Pedagógico*. Editora: SEED-PR, Curitiba. p. 97-109.
- Vigotski LS (1991). *Obras escogidas I*. Editora: Visor, Madrid. 230p.
- Vigotski LS (2000). *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Editora: Visor, Madrid. 211p.
- Vigotski LS (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. Editora: Martins Fontes, São Paulo. 496p.
- Vigotski LS (2006). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Vigotski et. alli. (Orgs.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 10. ed. Editora: Ícone, São Paulo. 228p.
- Vigotski LS (2010). *Quarta aula: a questão do meio na pedagogia*. Editora: Psicologia USP, São Paulo. p 681-701.
- Zaporozhets AV (1986). Importancia de los períodos iniciales de la vida en la formación de la personalidad infantil. In: Davidov V, Shuare M. *La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS*. Editora: Editorial Progreso, URSS. 209p.



**ID DAYSE RODRIGUES DOS SANTOS** é mestra em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão. Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação pela Universidade Federal do Rio Grandões e em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/Santarém. Membro permanente do Grupo de Pesquisa em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) e Grupo de Pesquisa Centro de Estudos em Linguística Aplicada e Educação de Professores de Inglês como Língua Estrangeira (CELEPI), da UFOPA. Revisora do periódico Sede de Ler, da Universidade Federal Fluminense e da Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem - Riel. Participa do Conselho editorial da Pantanal Editora. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, desenvolvendo pesquisas principalmente com os seguintes temas: Formação de Professores, Linguística Aplicada, Métodos e estratégias de Ensino e aprendizagem de línguas adicionais, Gêneros Digitais, Análise e desenvolvimento de material didáticos para o ensino de inglês, Literatura Infantil e Juvenil. Coordena o Grupo de Estudos de Gêneros digitais no ensino médio e Proeja. Contato: [dayse.rodrigues@ifpa.edu.br](mailto:dayse.rodrigues@ifpa.edu.br)

**ID NILA LUCIANA VILHENA MADUREIRA** é Mestre em Educação, na área de Formação de Professores, pela Universidade Federal do Pará, UFPA, no Instituto de Educação, ICED. Atualmente é docente nos Cursos Integrados, Subsequentes, de Graduação e Especialização em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal do Pará, Campus Santarém. Neste mesmo instituto atua como Chefe do Setor de Ensino e Políticas Educacionais - SEPE. Graduou-se em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. É especialista em Gestão em Educação (UEPA); Em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa (UFPA); em Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática (IEMCI-UFPA); cursa a especialização em Transtorno Do Espectro Autista: Intervenções Multidisciplinares em Contextos Intersetoriais (UEPA). Atua nos Cursos de Licenciatura vinculados ao PARFOR/ IFPA. Publicou os respectivos trabalhos: no livro Formação Continuada de Professores entre Texto e Contexto (2019) o capítulo intitulado: “O Programa Alfamat na Prática Pedagógica de Professores: um estudo sobre a percepção dos professores que atuam nas Escolas Municipais vinculadas à SEMEC - Belém”; XIV Seminário Nacional de Políticas Educacionais e Currículo e III Seminário Internacional de Políticas Públicas Educacionais, Cultura e Formação de Professores (2019), o resumo expandido que abordou o “Panorama Atual Acerca do Debate sobre a Formação de Professores no Brasil”; 39ª Reunião Nacional - ANPED. Ocorrido na UFF - Universidade Federal Fluminense - Niterói - Rio de Janeiro (2019), o artigo sobre “A Formação Continuada de Professores no Ensino Fundamental: Um Estudo Sobre a Percepção dos Professores dos Projetos Expertise e Alfamat Em Belém”; I Seminário de Políticas Públicas Educacionais do Marajó: as metas do PNE e a realidade marajoara (2017), o resumo expandido sobre: “FORMAÇÃO DE PROFESSORES: o que diz a produção científica sobre o tema?”. Contato: [nila.madureira@ifpa.edu.br](mailto:nila.madureira@ifpa.edu.br)



ISBN 978-659912081-7



9

786599

120817

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)